

# Isabel Muñoz, um retorno tardio ao judaísmo

## PAULO VALADARES

Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo

**RESUMO** No século XX, diversos descendentes ou alegados descendentes de cristãos-novos resolveram ingressar no judaísmo. Neste trabalho, conto a história de Isabel Muñoz, nascida em 1908, cujo judaísmo foi aceito pelo Tribunal Rabínico de Rehovot, Israel, nos anos 1960, de acordo com as leis do “retorno”. Para reconstituir sua história, sigo a pista dos *chuetas* da ilha de Mallorca, mostrando, ao mesmo tempo, as dificuldades de resgatar documentos e relatos sobre esta personagem.

**PALAVRAS-CHAVE** Isabel Muñoz, *chuetas*, cristãos-novos, Ilha de Mallorca, identidade judaica, retorno ao judaísmo.

**ABSTRACT** In the 20<sup>th</sup> century, several descendants or alleged descendants of New Christians decided to become Jewish. In this paper, I tell the story of Isabel Muñoz, born in 1908, whose judaism was accepted by the Rabbinical Tribunal of Rehovot, Israel, in the 1960s, in accordance to the laws of “return”. To reconstruct her story, I track down the *chuetas* from Mallorca Island, and demonstrate, at the same time, the difficulties of recovering documents and narratives about this person.

**KEYWORDS** Isabel Muñoz, *chuetas*, New Christians, Mallorca Island, Jewish identity, return to Judaism.

**QUANDO EU ME PROPUS A ESCREVER SOBRE A PRESENÇA JUDAICA NO MUNDO IBÉRICO ATRAVÉS dos cristãos-novos, encontrei alguns personagens contemporâneos de riquíssima vida interior, que alegavam ter esta origem etnocultural. Talvez até pela formação familiar moldada pelo segredo, estes personagens sonegavam ou embaralhavam informações biográficas, tornando-se enigmáticos ao primeiro contato. Destes personagens que encontrei em Portugal, no Brasil e na Espanha, nenhum deu tanto trabalho quanto a maiorquina Isabel Muñoz, que levou quase duas décadas para ser verdadeiramente identificada. O que aconteceu, contando com um pouco de paciência e alguma sorte durante a pesquisa.**

A primeira vez que a encontrei foi na década de 1980, como personagem incidental num livro do historiador Leon Poliakov (1996), onde ele transcreve uma notícia da Agência Telegráfica Judaica (27 de maio de 1960) sobre cristãos-novos que buscavam retornar ao judaísmo rabínico usando a ascendência como discurso legitimador.

(...) A srta. Isabelle Monios, de cinqüenta e cinco anos, da Ilha de Mallorca, retomou seu antigo nome de família, Yamin Oz. “Ela é filha de um ex-general do exército de Franco e diz que grande parte do estado-maior do exército espanhol consiste em descendentes de Marranos”. “A srta. Monios diz que já faz vários anos decidiu retornar ao judaísmo, pois seu pai pedia a toda família que se reconvertisse no momento em que isso fosse possível. Ela declara. “Pre-tendo voltar a Mallorca para criar ali uma sinagoga e mandar vir de Israel professores de religião para levar os marranos de volta ao judaísmo (POLIAKOV, 1996, p.241).

Havia três informações para o prosseguimento das investigações biográficas: o nome (Isabelle Monios), a alegada origem *chuetas* e o pai militar (Oficial do Exército Espanhol). Imediatamente recorri à *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, que é minuciosa na biografia dos generais espanhóis, para buscar alguns registros do sobrenome Monios, mas foi em vão a consulta, então, escrevi ao *Servicio Histórico Militar* espanhol, que respondeu não ter nenhum registro de algum General Monios: “No aparece, ni en escalillas ni índices, ningún General com el apellido de Monios. Posible habrá un error mecanográfico y la alteración de letras produce dicho desconocimiento” (ESPINÓS, 1985).

Isto me encorajou a fazer a associação onomástica como alternativa: Monios devia ser a grafia estrangeira do sobrenome espanhol, Muñoz. Voltei aos registros enciclopédicos e encontrei dois militares com este sobrenome. Como Isabelle (sic), de acordo com a notícia, nascera em 1905 (Cinquenta e cinco anos em 1960), o primeiro deles, General Agustín Muñoz Grandes (1896-1970) não poderia ser o seu pai, pois na época do nascimento ele tinha nove anos; já o General Mariano Muñoz Castellanos (1880) tinha idade para ser pai, porém na sua fé-de-ofício não constava nenhuma filha com este nome (MORENO, 1989). Voltei à estaca zero, porém mantive as expectativas em torno do sobrenome Muñoz, ao encontrar o escritor espanhol Isaac Muñoz (1881-1925), filho do General Hypolito Muñoz Muñoz descrito por Rafael Cansinos-Asséns (1883-1964) assim:

Isaac se habia forjado uma genealogia fantástica, según la cual era unas veces el descendiente nostálgico de los reyes nazaries de Granada, um príncipe fastuoso y melancólico, y otras nieto de marranos sefardies, desterrados de España por la fulmínea espada de los inquisidores. Ambas

actitudes alternaban en él, como modalidades de sueño oriental (ENCICLOPEDIA JUDAICA CASTELLANA, 1948, p.82).

## Os chuetas

Como a pesquisa individual não estava rendendo frutos, voltei-me então ao coletivo, aos *chuetas*. O etnônimo que dizem ser um diminutivo de *juen*, judeu ou uma palavra derivada de toucinho. Particularmente, eu creio que ele deve ter alguma relação com a palavra *chué*, “*persona ou coisa ordinária, reles*”, que vem do árabe *schuaiye*, coisinha (GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, [s.d.], p.706).

Como se sabe, os *chuetas* são os descendentes de conversos da cidade de Palma, na Ilha de Mallorca. Não são todos eles, mas apenas um grupo formado por quinze varonias perfeitamente identificadas: Aguiló, Bonnín, Cortés, Forteza, Fuster, Martí, Miró, Picó, Piña (Pinya), Pomar, Segura, Tarongí, Valentí, Valleriòla e Valls. Um *chuetas* inteiro traz dois destes sobrenomes ou o mesmo sobrenome dobrado, mostrando assim a origem comum a todos. O casamento exogâmico só passou a ser praticado entre eles com maior naturalidade no século XX. Num censo feito na Ilha de Mallorca em 1955, 9578 pessoas carregavam um ou dois destes sobrenomes, perfazendo 2,73% da população.

Há registros da presença judaica na Ilha de Mallorca desde o século IV, e, em 1391, eles sofreram um *pogrom*, que os levou finalmente ao batismo católico em 1435. Mesmo tendo aderido ao catolicismo eles continuaram excluídos dos ofícios principais, dos direitos civis e segregados socialmente, a ponto de um deles, Pedro Juan Miró, afirmar, em 1677, que “*eran descendientes de judíos y eran todos uno*” (SELKE, 1972, p.91). Para quebrar esta coesão eles sofreram uma repressão brutal em 1677; 237 *chuetas* foram

presos em 1691, 37 deles foram queimados vivos. Uma destas vítimas, Rafael Joaquín Valls, já vira o pai queimado vivo e a mãe, a avó, uma tia materna e um tio paterno garroteados. Somente em 12 de fevereiro de 1773, provocado por um memorial assinado por Juan Bonnín, Tomás Aguiló, Tomás Cortés, Francisco Forteza, Bernardo Aguiló e Domingos Cortés, o rei Carlos III (1716-1788) assinou a “*Real Cédula de S.M. y Señores del Consejo, por cual se manda que a los individuos del barrio, llamado del “Call”, de la ciudad de Palma, ò isla, sino que se les favorezca y conceda toda proteccion, sin que ses les insulte ni maltrate*” (SELKE, 1972, p.210-212).

A lei não trouxe a integração, pois eles continuaram desprezados pelos ilhéus, resultado dos mitos criados em volta deles. O escritor Miguel Forteza Pinya (1888-1969) lembrou como era apontado nas missas dominicais na condição de deicida (sic): “*T veis, fills meus, aixó son els xuetóns que enclavaren el Bon Jesus*” (SELKE, 1972, p.33). Chamar alguém de *chueteta* ainda é uma ofensa em Mallorca. Tanto que duas controversas personalidades locais, o político Antonio Maura (1853-1925) e o financista Juan March (1880-1962), ambos sem ancestrais neste grupo, foram chamados de *chuetas* pelos inimigos num processo de desqualificação política. Este preconceito exercido diariamente forjou-lhes uma mentalidade e também uma identidade distinta dos ilhéus. Mesmo com a adoção do catolicismo, imposto pela violência, sobrou-lhes uma cultura residual de seus ancestrais, transmitida no interior das famílias chuetas, que se manifestou no peculiar misticismo católico de Cayetano Martí<sup>1</sup> ou na saída de alguns durante o período inquisitorial e também em nossos dias para aderir ao judaísmo.

Nesta minha incursão pelo dolorido universo *chueteta*, encontrei vários deles próximos à religião ancestral, como a escritora Marta Forteza-Rey<sup>2</sup>, o rabino israelense Nicolau Aguiló<sup>3</sup> e muito tempo

depois o genealogista Llorenç Cortés<sup>4</sup>, autor de um livro sobre o seu povo e a sua linhagem em particular, chamado *La Nissaga d'un Xueta*, onde ele segue a sua genealogia até os seus nonos avós na linha varonil, Gabriel Cortés e Beatriz Aguiló, que viveram no século XVI. Com ele tive uma rica troca de correspondência, recebendo o seu trabalho publicado e também cópias de duas cartas de Joshua Hochstein, de Jamesburg (EUA), onde se menciona a Srta. Isabel Muñoz, o que permitiu continuar a pesquisa ao encontrar nelas outras pistas biográficas. Informações que, reunidas, foram suficientes para estabelecer a sua genealogia.

### Isabel Muñoz

Isabel Muñoz Villalonga nasceu em Palma, Ilha de Mallorca, em 1908, filha do Capitão de Infantaria (na época) Federico Muñoz Gui e Isabel Villalonga y Feliu. Ela só adquiriu visibilidade quando se aproximou do Judaísmo na década de 1960, porém, segundo o seu depoimento ao historiador argentino Nissim Elnecavé (1910-1986), o interesse pela religião judaica já era antigo:

“Desde muy pequeña, a los 6 años, leía la Historia sagrada y me impulsaron mucho todos sus episodios, hasta el punto que soñaba con israelitas. Fui educada por instituciones extranjeras y maestras; entre una madre católica y un padre muy indiferente. Éramos três, mi hermana y mi hermano salieron a mamá, yo a papá. El tiempo de la guerra española lo pasamos en el campo en una finca cerca de Palma; entonces fue cuando en la biblioteca de casa encontré una Biblia Hebraica y su lectura fue la que me hizo cambiar mi indiferencia religiosa por una admiración y una fé ciega em las Sagradas Escrituras. Me he pasado 20 años judaizando en silencio y guardando la ley como mejor podía, investigando todo referente al pueblo judío” (ELNECAVÉ, 1981, p.1029).

A morte de seu pai incentivou-a procurar as autoridades rabínicas israelenses, para regularizar o seu ingresso oficial na religião judaica. Ele a teria chamado no seu leito de morte e indicado uma bolsa escondida no seu escritório, de onde ela tirou um *talitb* (xale de orações) e os *tefilim* (correias para envolver os braços durante os rituais). E lhe teria dito como despedida:

Estos son objetos sagrados de mis antepasados, cuidalos como las ninas de tus ojos; representan el único testimonio que somos de una estirpe de príncipes, por cuanto durante varias generaciones mis antepasados y yo mismo hemos tratado de conservar en la clandestinidad nuestro judaísmo. Trata de volver a él y de difundirlo entre los chue-tas de la isla (ELNECAVÉ, 1981, p.1028).

Procurado por Isabel Muñoz, o Tribunal Rabínico de Rehovot, Israel, formado por três rabinos, Elimelech Bar Shaul<sup>5</sup>, Zevulón Bérez e Shmuel Devir, depois de ouvi-la e submetê-la às provas necessárias, aceitou-a como se fosse um retorno e não uma conversão ao judaísmo, partindo de uma prescrição talmúdica: “*o judeu mesmo que tenha pecado segue sendo judeu*”.

Que conforme a la declaración de la señorita Muñoz, hace fe que es descendiente de marranos y como la Srta. Muñoz satisfizo los requerimientos de la corte rabinica con respecto a su conocimiento de las mitzvot (preceptos) y que se compromete a seguir estudiando y observando los preceptos de nuestra sagrada Tora y luego de haberse sometido a la inmersión de la mikve (baño ritual) aceptamos su retorno ao judaísmo y por ello le decimos; eres desde ahora nuestra hermana, seas bendita por tu retorno bajo las alas de la shejina (Espíritu de Dios) (ELNECAVÉ, 1981, p.1029).

Ela tomou o nome de Elisheba Yemin Oz (vigor

da direita). A partir deste momento, sabe-se muito pouco de Isabel Muñoz. Parece que a ideia de construir uma sinagoga em Palma gerou um conflito na família. Não se sabe se por medo de se declararem judeus num ambiente hostil ou apenas interesse por sua fortuna, a sua família usou o mesmo recurso que os estados totalitários usavam na época para calar os seus dissidentes: declarou-a louca.

Como era bastante rica y propietária de valiosas propiedades tenia la familia sus intereses para hacerla internar en la clínica, ya que Doña Isabel proclamaba su intención de dedicar su fortuna a la construcción de una sinagoga balear. En efecto, habia dirigido por médio de um abogado una solicitud al Gobernador para pedir el establecimiento de una sinagoga. Breve tiempo después de tal acción (y ella había recibido autorización provisional, debiendo probar que habia cierta mínima cantidad de judíos que requerian tal institución em Palma) accionó la familia para hacerla ingresar en la clínica. Declarada incompetente mentalmente, ya estaba libre el camino para la familia a hacer lo que daba la gana con los haberes de Doña Elisheba (HOCHSTEIN, 1977).

Assim, escondida numa clínica para loucos, desapareceu de nossa história a Srta. Isabel Muñoz<sup>6</sup>.

Como se percebe de toda esta história descoberta a conta-gotas, Isabel Muñoz não era uma *chue-ta*, mas, possivelmente, uma descendente pelo costado paterno de cristãos-novos andaluzes. Tanto que ela não conseguiu penetrar entre eles. Vários *chuetas* consultados por mim afirmaram não conhecê-la, apenas Llorenç Cortés possuía a carta de Joshua Hochstein, onde conta o prenúncio de seu triste fim.

### Genealogia de Isabel Muñoz Villalonga

À guisa de conclusão deste trabalho, apresento

a árvore genealógica de Isabel Muñoz, baseado nos documentos militares do Tenente-Coronel Federico Muñoz Gui e de seu pai o General Federico Muñoz Maldonado, cedidos pelo *Archivo General Militar de Segovia*, através de seu chefe, o Coronel Gregório Vásquez Gimeno, a quem agradeço a gentileza desta cessão.

ISABEL MÚÑOZ VILLALONGA, Elisheba Yemin Oz, nasceu em Palma, Ilha de Mallorca (1908). “Doña Isabel era persona culta y hablaba varias lenguas europeas. Mas el concomitante más enfático de su personalidad era un estado de ánimo muy exaltado” (HOCHSTEIN, 1977).

#### PAIS

FEDERICO MÚÑOZ GUI nasceu em Logroño (21 de fevereiro de 1876). 2º Tenente de Infantaria (1895), 1º Tenente de Infantaria (1897), Capitão de Infantaria (1904), Comandante de Infantaria (1914) e Tenente-coronel (1922). Condecorado com a Cruz de Carlos III (1899), de Isabel la Católica (1900) e da Real y Militar Orden de San Hermenegildo (1918).

ISABEL CONCEPCIÓN MARCELINA VILLALONGA y FELIU nasceu em Palma (27 de abril de 1880), de linhagem maiorquina, sem nenhuma origem *chueta* próxima. Casou-se com o Capitão Federico Muñoz Gui em 1905.

#### AVÓS

FEDERICO NICOMEDES MÚÑOZ MALDONADO nasceu em Burgos e morreu em Tarragona (15 de setembro de 1840 – 25 de janeiro de 1906). Subtenente (1857), Tenente (1860), Capitão *por mérito de guerra* (1866), Comandante de Exército (1868), Comandante de Carabineros (1872), Tenente-coronel de Exército (1873), Tenente-coronel de Carabineros (1877), Coronel de Exército (1878), Coronel de Carabineros (1883), General de Brigada (1891) e General de Divisão (1903). Completou 48 anos, 3 meses e 23 dias de serviço militar. Condecorado com a Cruz da Ordem de

S. João de Jerusalém (1851), de Isabel la Católica (1858), hábito da Ordem Militar de Santiago (1861) e Grã-Cruz de San Hermenegildo (1894). BUENAVENTURA MARIA GUI GIRVÉS, natural de Gerona.

JUAN VILLALONGA y MATEU, natural de Palma, Ilha de Mallorca, proprietário.

ISABEL FELIU y SALAS, natural de Palma, Ilha de Mallorca.

#### BISAVÓS

VICENTE ANTONIO MÚÑOZ MALDONADO, natural de Valencia, Capitão de Cavalaria. Cavaleiro do hábito de Calatrava e da Ordem Militar de San Fernando. Casou-se em Madrid com Marciana Maldonado em 20 de dezembro de 1836. Um dos padrinhos foi José Muñoz Maldonado, Conde de Fabreuer e Visconde de San Javier (Alicante, 1807 – Madrid, 1875), Senador e Ministro, autor de “*Antonio Pérez y Felipe II: drama histórico original en cinco actos en prosa y en verso*”, biografia romanceada de uma vítima da Inquisição. Outro padrinho foi o Coronel Francisco Muñoz Maldonado, Cavaleiro de Santiago. A identidade de sobrenomes entre os noivos e padrinhos sugere parentesco entre eles, que formariam assim um clã, provável origem comum de todos nomeados. MARCIANA EDWIGES ALONSO MALDONADO, natural de Puebla de Montalbán (Toledo).

JUAN VILLALONGA, natural de Palma, Ilha de Mallorca.

FRANCISCA MATEU, de Mancos, Ilha de Mallorca.

JACINTO FELIU, natural de Palma, Ilha de Mallorca, proprietário.

ANA SALAS, de la Vileto, Ilha de Mallorca.

#### TRISAVÓS

JUAN RAFAEL MÚÑOZ y SANTIAGO é natural de Córdoba, antiga capital do mundo islâmico ocidental (séc. X) e onde nasceu Maimônides (1135-1204), o maior vulto sefaradita em todos os tempos. Há registros de descendentes de conversos andaluzes com o sobrenome Muñoz (DOMÍNGUEZ,

1992, p.110). Juan Muñoz foi Cavaleiro da Ordem de Alcântara.

MARIA de los DOLORES MALDONADO y CAÑEDO, natural de Madrid.

PEDRO IGNÁCIO MALDONADO y ALONSO é natural de Puebla de Montalbán, povoado próximo a Toledo, onde existiu uma importante colônia judaica. Foi nele que nasceu o converso Fernando de Rojas (1475-1541), autor de *“la Celestina”*, uma das obras mais importantes da literatura espanhola. Não encontrei sua ligação com cristãos-novos, apesar da existência de várias famílias de sobrenome Alonso desta origem em Toledo (MARTZ, 1988, p.147, 148, 181 e 182). Pedro Ignácio foi o padrinho de batismo do neto Federico Muñoz Maldonado.

JOSEFA ANTONIA ESPINOSA de las ERAS também natural de Puebla de Montalbán. Há notícias de cristãos-novos de apelido Espinosa sentenciados pela Inquisição de Toledo (FAIGUENBOIM et al., 2004, p.250).

## NOTAS

1 Cayetano Martí Valls nasceu em Ica e morreu em Palma (12 de abril de 1918 – 17 de fevereiro de 2007), filho de Bartolomé Martí Forteza e Lucia Valls Aguiló. É fundador de um grupo conhecido como *Iglesia o Sinagoga Pobre de Yehoshuah / Fraternidade Universal* (1987), onde se reconhece Jesus como profeta e não como divindade. Ele é autor do livro *El Evangelio pobre de Yehoshuah de Nazerat*.

2 Marta Forteza-Rey Pacheco, *Sarah b. Avraham*, nasceu em Barcelona (31 de julho de 1951), filha de Ramón Forteza-Rey Forteza e Victoria Pacheco Masgrau.

3 Nicolau Aguiló Pujades, *Nissan b. Avraham*, nasceu em Palma (11 de dezembro de 1957), filho de Josep Aguiló Bonnin e Joana Pujades. Rabino em Shiló (Israel). *“Recebi la semihá de los Grandes Rabinos de Israel el Rabi Avraham Cahana Shapira y el Rabi Mordehai Eliau”* (AGUILÓ, [1994]).

4 Llorenç Cortés Beltrán nasceu em Mallorca (6 de junho de

1933), filho de Juan Antonio Cortés e Maria Beltrán Campomar. Vive em Pollensa. Agradeço a sua generosidade ao dividir comigo informações importantes para a feitura deste trabalho.

5 Elimelech Bar-Shaul (1913-1965) foi um importante rabino israelense pertencente à corrente sionista religiosa. Professor na Yeshivat Kerem B`Yavneh e ABD (*Av Beit Din*/ Chefe da Corte Rabínica) de Rehovot. O Professor Moshe Abadi, de São Paulo, lembrou-se dele como um gênio, que a partir de uma pergunta feita por um aluno, construía no mesmo momento uma palestra erudita sobre o tema.

6 Há nesta época outro caso semelhante. Bronislawa Wajs (1910-1987), poeta cigano-polonesa, conhecida como Papusza (Boneca), internada pela família num sanatório durante oito meses e depois excluída do mundo cigano, acusada pelo conselho do clã de quebrar segredos do povo Rom em seus poemas.

## REFERÊNCIAS

### Fontes manuscritas

AGUILÓ, Nicolau. *Carta*. Shiló (Israel), 12 de shevat de 5755 [1994].

CORTÉS, Llorenç. *Carta*. Pollensa (Mallorca), 04 de março de 1997.

CORTÉS, Llorenç. *Carta*. Pollensa (Mallorca), 17 de setembro de 1997.

ESPINÓS Orlando, General Victor. Dirección de Servicios Generales del Ejército, Servicio Histórico Militar, *oficio nº 380B, 673/2842*, 22 de abril de 1985.

FORTEZA-REY, Marta. *Carta*. Jerusalém (Israel), 10 de dezembro de 1992.

HOCHSTEIN, Joshua. *Carta*. Jamesburg (EUA), 16 de janeiro de 1975.

HOCHSTEIN, Joshua. *Carta*. Jamesburg (EUA), 2 de fevereiro de 1977.

MORENO Bargueño, Coronel David. Servicio Histórico Militar y Museo del Ejército, *oficio nº 329/915*, 24 de fevereiro de 1989.

MUÑOZ GUI, General Federico. Hoja matriz de servicios. Archivo General Militar, Segovia.

MUÑOZ MALDONADO, General Federico. *Fé de ofício e outros documentos pessoais*. Archivo General Militar, Segovia.

#### Fontes publicadas

CORTÉS, Llorenç. *La nissaga d'un xueta*. Mallorca, 1995.

DOMÍNGUEZ Ortiz, Antonio. *Los judeoconversos en España y América*. Madrid: Mapfre, 1992.

ELNECAVÉ, Nissim. *Los hijos de Ibero-Franconia. Breviaria del mundo sefardi desde los orígenes hasta nuestros días*. Buenos Aires: Ediciones La Luz, 1981.

ENCICLOPEDIA JUDAICA CASTELLANA. Editores: Eduardo Weinfeld e Isaac Babani. Mexico: Editorial Enciclopedia Judaica Castellana, 1948.

ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Barcelona-Madrid: Espasa-Calpe, [sem data].

FAIGUENBOIM, G.; CAMPAGNANO, A.R.; VALADARES, P.; *Dicionário Sefardi de Sobrenomes / Dictionary of Sephardic Surnames*. São Paulo: Fraiha, 2004.

FONSECA, Isabel. *Bury me standing: the gypsies and their journey*. New York: Vintage Brooks, 1995.

GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, vol. VI. Lisboa: Editorial Enciclopédia, [sem data].

MARTZ, Linda. "Converso families in fifteenth – and sixteenth-century Toledo: the significance of lineage". In *Sefarad. Revista de Estudios Hebraicos, Sefardies y de Oriente Próximo*, ano XLVIII, Madrid, 1988, fasc. 1.

POLIAKOV, Leon. *De Maomé aos Marranos*. S. Paulo: Perspectiva, 1996.

SELKE, Ángela. *Los chuetas y la Inquisición: vida y muerte en el ghetto de Mallorca*. Madrid: Taurus, 1972. [Em inglês: \_\_\_\_\_. *The Conversos of Majorca: Life and Death in a Chripto-Jewish Community of Conversos of XVIIth Century Spain*. Jerusalem: Magnes Press, 1986; e em edição eletrônica, por Varda Books, 2009.]